

RESGATANDO BRINCADEIRAS ANTIGAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL



REVIVING TRADITIONAL GAMES IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION

FABIANA CRISTINA CIRINO

Graduação em Letras pela Universidade paulista – UNIP (2008); Licenciada em Pedagogia pela Universidade Nove de Julho – UNINOVE (2014); Especialista em Educação Inclusiva pela Faculdade Campos Elíseos (2018); Professora de Ensino Infantil – Na rede Pública Municipal.

RESUMO

O presente artigo discute a importância do resgate de brincadeiras antigas na Educação Infantil e como essas práticas contribuem para o desenvolvimento integral das crianças. Em um contexto marcado pelo avanço tecnológico e pelo aumento do uso de telas, as brincadeiras tradicionais — como amarelinha, pular corda, passa-anel, pega-pega, ciranda, entre outras — tornaram-se menos presentes no cotidiano infantil. A pesquisa evidencia que essas brincadeiras são carregadas de valores culturais, favorecem a socialização, estimulam a criatividade e desenvolvem habilidades motoras, cognitivas e socioemocionais. Fundamentado em referenciais teóricos que reconhecem o brincar como linguagem essencial da infância, o estudo apresenta o resgate das brincadeiras antigas como uma prática pedagógica significativa, capaz de fortalecer vínculos afetivos, promover interações e valorizar a cultura popular. Conclui-se que integrar essas brincadeiras ao currículo possibilita vivências ricas e autênticas, mantendo viva a memória cultural e contribuindo para uma educação humanizadora.

Palavras-chave: Brincadeiras Antigas; Cultura Infantil; Educação Infantil; Desenvolvimento Integral; Ludicidade.

ABSTRACT

This article discusses the importance of reviving traditional games in early childhood education and how these practices contribute to the holistic development of children. In a context marked by technological advancement and increased screen time, traditional games—such as hopscotch, jump rope, ring-around-the-rosie, tag, and circle dances, among others—have become less present in children's daily lives. The research shows that these games are full of cultural values, promote socialization, stimulate creativity, and develop motor, cognitive, and socio-emotional skills. Based on theoretical frameworks that recognize play as an essential language of childhood, the study presents the revival of traditional games as a significant pedagogical practice, capable of strengthening affective bonds, promoting interactions, and valuing popular culture. It concludes that integrating these games into the curriculum allows for rich and authentic experiences, keeping cultural memory alive and contributing to a humanizing education.

Keywords: Traditional Games; Children's Culture; Early Childhood Education; Holistic Development; Playfulness.

INTRODUÇÃO

O brincar sempre acompanhou a história da infância e se constituiu como uma das principais formas de interação, expressão e aprendizagem das crianças. Muito antes do surgimento das tecnologias digitais, as ruas, quintais e praças eram os cenários privilegiados das brincadeiras, onde amarelinha, passa-anel, roda, bola de gude, pular corda, esconde-esconde e tantas outras atividades faziam parte da rotina cotidiana de meninos e meninas. Essas brincadeiras tradicionais carregam elementos culturais, memórias afetivas e saberes populares que atravessaram gerações e contribuíram para a formação de vínculos sociais, desenvolvimento motor e construção da autonomia infantil.

Entretanto, as transformações sociais das últimas décadas — urbanização acelerada, diminuição dos espaços de convivência, aumento da violência urbana, rotina escolar mais estruturada e a forte presença das telas — impactaram diretamente o modo como as crianças brincam. Nesse cenário, observa-se um afastamento das brincadeiras antigas e um aumento significativo de atividades sedentárias ou mediadas por dispositivos eletrônicos. Louv (2008) e Postman (1999) apontam que a infância contemporânea, cada vez mais mediada pela tecnologia, perdeu parte do contato espontâneo com o brincar tradicional, o que repercute no desenvolvimento físico, social e emocional das crianças.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) reforça que o brincar é um eixo estruturante da Educação Infantil e constitui-se como elemento essencial para o desenvolvimento integral da criança. As brincadeiras antigas, portanto, representam não apenas um patrimônio cultural, mas também um recurso pedagógico capaz de ampliar repertórios, fortalecer vínculos, estimular a cooperação e favorecer aprendizagens significativas. Para Kishimoto (2011), o brincar articula cultura, linguagem e experiência,

permitindo que a criança crie, recrie e ressignifique situações vividas, em um processo ativo de construção de conhecimento.

Ao resgatar essas brincadeiras dentro do contexto escolar, o professor promove oportunidades de socialização, negociação de regras, desenvolvimento da imaginação e vivências corporais que muitas crianças já não têm acesso fora da escola. Além disso, essas atividades incentivam o diálogo entre gerações, despertam a curiosidade pela cultura popular e fortalecem o sentimento de pertencimento. A escola torna-se, assim, um espaço de preservação cultural e reinvenção de práticas que fazem parte da identidade infantil brasileira.

Este artigo discute a importância do resgate das brincadeiras tradicionais na Educação Infantil, analisando como elas contribuem para o desenvolvimento integral, a construção da identidade cultural e a ampliação das experiências lúdicas da criança. A partir de referenciais teóricos sobre cultura, brincadeira e infância, busca-se evidenciar que integrar essas práticas ao cotidiano escolar é uma forma de garantir uma infância mais plena, ativa, significativa e conectada às raízes culturais.

OBJETIVO GERAL

Investigar a importância do resgate de brincadeiras antigas na Educação Infantil e sua contribuição para o desenvolvimento integral da criança.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar como as brincadeiras tradicionais favorecem aprendizagens sociais, motoras e cognitivas.
- Refletir sobre a importância cultural dessas brincadeiras para a identidade infantil.
- Analisar o papel do educador na mediação e incentivo dessas práticas no cotidiano escolar.

JUSTIFICATIVA

A infância contemporânea tem sido marcada por mudanças profundas: menos espaços para brincar na rua, excesso de compromissos, aumento do uso de telas e diminuição das interações livres. Com isso, muitas brincadeiras antigas — que durante décadas fizeram parte do cotidiano das crianças — estão sendo esquecidas. Essa perda cultural impacta não apenas o repertório lúdico, mas também o desenvolvimento social e emocional das crianças.

Brincadeiras tradicionais, como bola de gude, esconde-esconde, adoleta e roda cantada, favorecem a imaginação, o movimento corporal e a convivência coletiva. Como destaca Friedmann (1996), o brincar

livre permite que a criança experimente papéis, organize emoções e desenvolva criatividade. Além disso, essas brincadeiras carregam elementos culturais que aproximam as crianças de histórias, músicas, tradições e modos de viver de outras épocas.

Com o fortalecimento dos vínculos escolares e a promoção da socialização, o resgate dessas práticas se torna uma estratégia pedagógica fundamental. Trata-se de valorizar a cultura popular, promover experiências significativas e ampliar as possibilidades de aprendizagem por meio do brincar.

PROBLEMA

Como o resgate de brincadeiras antigas pode contribuir para o desenvolvimento integral da criança e para a valorização da cultura na Educação Infantil?

AS BRINCADEIRAS ANTIGAS COMO CONTEXTO FORMATIVO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

As brincadeiras antigas, quando inseridas intencionalmente no cotidiano educativo, constituem-se como um contexto formativo potente, rico em cultura, movimento, imaginação e interação. Elas ultrapassam a dimensão de simples entretenimento e assumem o papel de elementos pedagógicos vivos, dinâmicos e multifuncionais, capazes de mobilizar diferentes linguagens da criança e favorecer aprendizagens profundas. Na primeira infância, fase em que o brincar é o eixo estruturante do desenvolvimento, essas brincadeiras tradicionais tornam-se ainda mais fundamentais, pois dialogam com aspectos motores, cognitivos, sociais, afetivos e culturais.

Do ponto de vista do desenvolvimento infantil, autores como Kishimoto (2011) e Brougère (1998) afirmam que as brincadeiras são manifestações da cultura infantil e que, por meio delas, as crianças reorganizam o pensamento, expressam sentimentos, comunicam ideias e experimentam papéis sociais. Brincadeiras como amarelinha, pular corda, passa-anel, roda cantada, queimada ou esconde-esconde possibilitam vivências corporais que ampliam o repertório motor e fortalecem o domínio espacial e temporal. Ao saltar, correr, equilibrar-se ou manter o ritmo de uma canção, a criança desenvolve coordenação, agilidade e consciência corporal, aspectos essenciais na primeira infância.

Além disso, as brincadeiras antigas carregam uma dimensão simbólica e cultural que enriquece o processo educativo. Elas trazem rimas, músicas, gestos e regras transmitidas entre gerações, o que contribui para a construção da identidade e para a valorização da cultura popular. Segundo Brougère (1998), o brincar constitui um patrimônio cultural que precisa ser preservado, pois transmite modos de ser e viver de determinado grupo social. Assim, ao resgatar brincadeiras tradicionais no ambiente escolar, o professor aproxima as crianças da cultura oral, da memória coletiva e das histórias que compõem o imaginário social.

Outro aspecto relevante é o impacto socioemocional dessas brincadeiras. Wallon (2007) destaca que a interação é elemento central no desenvolvimento afetivo da criança, e as brincadeiras antigas, frequentemente coletivas, proporcionam situações de diálogo, cooperação, disputa saudável, resolução de conflitos e alternância de papéis. Em brincadeiras como pega-pega, mãe da rua ou corre cutia, as crianças precisam negociar regras, respeitar limites, lidar com a frustração e exercitar a empatia. Essas vivências fortalecem habilidades socioemocionais essenciais, como autocontrole, comunicação, paciência e respeito mútuo.

As brincadeiras antigas também favorecem metodologias ativas e práticas investigativas no contexto escolar. Ao experimentar diferentes formas de brincar, a criança levanta hipóteses, testa possibilidades, cria estratégias e fórmula soluções. Segundo Vygotsky (1989), o brincar amplia a capacidade imaginativa e simbólica, permitindo que a criança opere em um nível superior ao seu comportamento cotidiano. Assim, uma simples brincadeira de esconde-esconde envolve antecipação, planejamento, observação do espaço e raciocínio lógico, transformando-se em uma experiência completa de aprendizagem.

A BNCC (2017) reforça que a Educação Infantil deve garantir espaços e tempos para que as crianças explorem múltiplas linguagens e construam conhecimento por meio das interações e brincadeiras. Nesse sentido, as brincadeiras antigas se alinham aos Campos de Experiências, principalmente "Corpo, gestos e movimentos" e "O eu, o outro e o nós", pois possibilitam vivências corporais amplas e relações sociais significativas. Ao brincar juntos, observar o colega, cantar em roda ou esperar sua vez, as crianças desenvolvem autonomia, protagonismo e consciência de grupo.

Do ponto de vista pedagógico, resgatar brincadeiras tradicionais significa ampliar as possibilidades educativas e transformar a escola em um espaço vivo de cultura e movimento. Cabe ao educador criar ambientes que favoreçam essas práticas, promovendo momentos intencionais, escutando as escolhas das crianças, envolvendo famílias e registrando as experiências. Brincadeiras como corrida de saco, passa-anel ou brincadeiras com cantigas podem se transformar em projetos culturais, estudos sobre diferentes regiões do Brasil, produções artísticas ou investigações corporais.

Assim, reconhecer as brincadeiras antigas como contexto formativo é afirmar que elas são mais do que atividades recreativas: representam uma forma de aprender, viver e se relacionar. Ao integrá-las ao cotidiano escolar, garantimos às crianças uma infância mais plural, significativa e culturalmente rica, fortalecendo vínculos, ampliando repertórios e valorizando práticas que atravessam gerações. Promover essas brincadeiras é, portanto, preservar um patrimônio imaterial e, ao mesmo tempo, oferecer experiências que formam sujeitos críticos, criativos e profundamente conectados à cultura da infância.

DESENVOLVIMENTO

As brincadeiras antigas fazem parte de uma herança cultural transmitida de geração em geração, carregando ritmos, músicas, regras, gestos e elementos da vida coletiva. Consideradas patrimônios da

cultura infantil, elas desenvolvem múltiplas habilidades e promovem a construção de conhecimentos significativos.

Segundo Kishimoto (2011), o brincar não é apenas uma atividade recreativa, mas uma prática que envolve aprendizagem, cultura e imaginação. Brincadeiras como amarelinha, elástico, passa-anel ou roda cantada estimulam a coordenação motora, a atenção, o equilíbrio e a organização espacial.

Para Vygotsky (1989), a brincadeira permite à criança desenvolver funções psicológicas superiores, como memória, imaginação e linguagem. As regras presentes em brincadeiras tradicionais — como “não pode pisar na linha” ou “passa o anel sem deixar perceber” — exigem autorregulação, pensamento estratégico e cooperação.

Brougère (1998) afirma que o brincar é uma manifestação cultural, e, portanto, resgatar brincadeiras antigas é também promover a cultura popular. Essas brincadeiras apresentam músicas, rimas e gestos que fortalecem vínculos afetivos e identitários. Além disso, favorecem o convívio intergeracional, pois muitas delas podem ser ensinadas por pais, avós e membros da comunidade.

Na BNCC (2017), os Campos de Experiências “O eu, o outro e o nós” e “Corpo, gestos e movimentos” destacam a importância do brincar coletivo e da expressão corporal. Brincadeiras antigas contribuem diretamente para esse processo, pois envolvem movimento, regras, cooperação e interações constantes. Outro aspecto importante é o desenvolvimento socioemocional. Segundo Wallon (2007), a afetividade é central na aprendizagem, e as brincadeiras coletivas são espaços de resolução de conflitos, negociação e respeito mútuo. Em brincadeiras como pega-pega ou queimada, as crianças precisam lidar com frustrações, fazer combinados e aprender a se colocar no lugar do outro.

O papel do educador é essencial ao planejar momentos em que essas brincadeiras possam acontecer de forma intencional e prazerosa, garantindo espaço, tempo e materiais adequados. Cabe ao professor agir como mediador, incentivando a participação, propondo variações das brincadeiras e promovendo diálogos sobre sua origem e importância cultural.

Assim, o resgate das brincadeiras antigas amplia o repertório cultural e corporal das crianças, fortalece laços comunitários e promove aprendizagens significativas, respeitando a essência da infância,

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As brincadeiras antigas, quando incorporadas de forma intencional ao cotidiano da Educação Infantil, revelam-se um recurso pedagógico de extrema relevância para o desenvolvimento integral das crianças. Ao longo deste estudo, observou-se que essas práticas lúdicas carregam valores culturais, sociais e afetivos que atravessam gerações, constituindo-se como parte importante do patrimônio imaterial da infância. A retomada dessas brincadeiras dentro da escola não apenas resgata elementos da cultura popular, mas também devolve às crianças a oportunidade de vivenciar experiências essenciais para seu crescimento cognitivo, motor, emocional e social.

O resgate das brincadeiras tradicionais possibilita uma ampliação do repertório infantil, fortalecendo a imaginação, a criatividade, as interações e o protagonismo da criança. Práticas como amarelinha, pega-pega, pular corda, ciranda e passa-anel promovem movimentos amplos, regras coletivas, comunicação e cooperação, tornando-se ricas oportunidades de aprendizagem. Nesse contexto, reconstrói-se um ambiente educativo que reconhece o brincar como linguagem central da infância, valorizando práticas culturais que têm sido progressivamente substituídas pelo uso excessivo de tecnologias digitais.

Além disso, as brincadeiras antigas favorecem a convivência harmoniosa e a construção de vínculos, criando momentos em que as crianças exercitam a autonomia, a paciência, a tomada de decisões e a resolução de conflitos. Ao brincar coletivamente, elas aprendem a negociar, esperar a vez, lidar com frustrações e compreender diferentes perspectivas, habilidades fundamentais para a vida em sociedade.

O papel do educador é fundamental nesse processo, pois cabe a ele criar condições para que essas práticas aconteçam de maneira prazerosa, segura e significativa. É o professor quem organiza o espaço, propõe brincadeiras, média situações de conflito e incentiva a participação de todos, garantindo que a infância seja vivida em sua plenitude. A escola, ao valorizar as brincadeiras tradicionais, reafirma seu compromisso com uma educação humanizadora, que respeita a cultura da infância e reconhece que aprender brincando é uma experiência potente, formativa e indispensável.

Diante disso, conclui-se que integrar brincadeiras antigas ao currículo amplia as possibilidades pedagógicas e fortalece a identidade cultural das crianças, contribuindo para a formação de sujeitos críticos, criativos, sensíveis e conectados às suas raízes. Investir nesses momentos é garantir uma infância mais autêntica, rica em interações e experiências significativas — uma infância que honra o passado, vive plenamente o presente e prepara as crianças para um futuro de participação, sensibilidade e pertencimento.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 2011.
- BENJAMIN, Walter. Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação. São Paulo: Editora 34, 2002.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília: MEC, 2017.
- BROUGÈRE, Gilles. Brinquedo e cultura. São Paulo: Cortez, 1998.
- BROUGÈRE, Gilles. Cultura lúdica e educação. São Paulo: Cortez, 2010.
- FRIEDMANN, Adriana. O brincar e a criança do século XXI. São Paulo: Moderna, 2013.
- FRIEDMANN, Adriana. Brincar: crescer e aprender. São Paulo: Moderna, 1996.
- HUIZINGA, Johan. Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 2012.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. São Paulo: Cortez, 2011.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. O brincar na educação infantil. São Paulo: Pioneira, 2002.

PIAGET, Jean. A formação do símbolo na criança. Rio de Janeiro: LTC, 1990.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. A ludicidade como ciência. Petrópolis: Vozes, 2001.

VYGOTSKY, Lev. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WALLON, Henri. Psicologia e educação da infância. São Paulo: Martins Fontes, 2007.